



Janela lateral do prédio da Secretaria
da Justiça, na Rua Roberto Simonsen.

MEU VELHO CENTRO

·PAULICÉIA·

Coordenação Emir Sader

A imagem de São Paulo se modifica conforme as lentes que utilizamos. O sonhado e o real, o desejado e o rejeitado, o vivido e o simbolizado, o cantado e o pintado, o desvairado e o cotidiano – múltiplas facetas de uma cidade-país – são retratados nesta coleção. São quatro séries, que buscam montar um painel das infinitas visões paulistas: Retratos (perfis de personalidades que nasceram, viveram ou eternizaram suas obras em São Paulo), Memória (eventos políticos, sociais e culturais que tiveram importância no estado ou na capital), Letras (resgate de obras – sobretudo de ficção – de temática paulista, há muito esgotadas ou nunca publicadas em livro) e Trilhas (histórias dos bairros da capital ou de regiões do estado).

Para tanto, foram selecionados autores, fenômenos e espaços que permitam a nosso olhar atravessar o extenso caleidoscópio humano desta terra e tentar compreender, em sua rica diversidade e em toda sua teia de contradições, os mil tons e subtons da Paulicéia.

HERÓDOTO BARBEIRO

MEU VELHO CENTRO

histórias do coração de São Paulo

Fotografias
Ricardo Hara

Prefácio
Milton Jung

edições
SESCSP

BOITEMPA
EDITORIAL

Sobre *Meu velho centro*

Danilo Santos de Miranda

O CENTRO DA CIDADE de São Paulo, o Velho Centro, com suas toneladas de concreto e ferro, asfalto, rodas e fios elétricos, faz parte da memória brasileira. Uma memória que está menos nas sinapses das lembranças, no sistema nervoso, do que no afeto de muitos de nós.

Camadas e camadas de novas fases que anunciam o “progresso” conseguiram encobrir um pouco o passado, mas não tiveram êxito – ainda – em destruir os sentimentos. E é justamente pelos sentimentos que Heródoto Barbeiro guia o leitor. Os personagens que retrata não tiveram espaço na história oficial da cidade, mas se percebe nitidamente que são eles – assim como nós – que a conduzem, às vezes até mesmo num jogo de opressão e libertação entre poderes.

Disso, a lição mais preciosa que podemos aprender é a percepção de que quem faz – e deve fazer – o local onde se vive são seus moradores, que dele se apropriam fisicamente ao passar pelas ruas, ao seguir para o trabalho, ao olhar pela janela de seus apartamentos. Sempre à mercê das vontades políticas, os objetos se transformam, seja na reforma das torres das igrejas, seja nos bancos de praça interditos ao sono dos miseráveis.

No entanto, no corpo de quem vive o local é que se instala a beleza de uma cidade, seu coração é que carrega as histórias, que talvez não sejam oficiais, mas que tornam a vida tão mais leve a ponto de desnudar as invencionices das fachadas. Uma bela história.

© do texto, Heródoto Barbeiro
© das fotografias, Ricardo Hara
© Boitempo Editorial, 2007

• PAULICÉIA •

MEU VELHO CENTRO
histórias do coração de São Paulo

BOITEMPO EDITORIAL	SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
<i>Coordenação editorial</i>	ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO
Ivana Jinkings	ESTADO DE SÃO PAULO
<i>Editores adjuntos</i>	<i>Presidente do Conselho Regional</i>
Ana Paula Castellani	Abram Szajman
João Alexandre Peschanski	<i>Diretor do Departamento Regional</i>
<i>Assistente editorial</i>	Danilo Santos de Miranda
Vivian Miwa Matsushita	<i>Superintendente Técnico Social</i>
<i>Preparação de texto</i>	Joel Padula
Jadyr Pavão Junior	<i>Superintendente de Comunicação Social</i>
Mariana Echalar	Ivan Giannini
<i>Capa</i>	<i>Gerência de Estudos e Desenvolvimento</i>
Antonio Kehl	Marta Colabone
sobre projeto de Andrei Polessi	<i>Gerente Adjunta</i>
e foto de Ricardo Hara	Andréa de Araújo Nogueira
<i>Diagramação e tratamento de imagens</i>	<i>Gerência de Desenvolvimento de Produtos</i>
Veridiana Magalhães	Marcos Lepiscopo
<i>Produção</i>	<i>Gerente Adjunto</i>
Marcel Iha	Walter Macedo Filho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B187m Barbeiro, Heródoto, 1946-
Meu velho Centro: histórias do coração de São Paulo / Heródoto
Barbeiro. - São Paulo : Boitempo : Sesc, 2007.

ISBN 978-85-7559-042-3 (Boitempo) - 978-85-98112-42-8 (Sesc)

1. Centro (São Paulo, SP) - História. I. Título.

07-2186.

CDD: 981.611
CDU: 94(815.61)

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2007

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Euclides de Andrade, 27
Perdizes 05030-030 São Paulo SP
tel./fax 11 3872-6869 3875-7250
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO - SESC-SP
Av. Álvaro Ramos, 991
Belenzinho
CEP 03331-000 - São Paulo-SP
Tel. (11) 6607-8000
www.sescsp.org.br

Sumário

Prefácio, <i>Milton Jung</i>	9
Apresentação	13
Batismos	17
Homenagem ao motorneiro Chapa 2665	19
A colina e o triângulo	21
Infâncias e juventudes	27
A grande virada	29
Circuito espiritual	49
Diversões	63
Roteiro sentimental	79
Praça da Sé	81
Rua Direita	85
O quadrilátero do pecado	89
Santa Helena sambista	93
Tipos inesquecíveis	97

Idade da ação	107
A última viagem do bonde do Magrão	109
Brancos, negros e amarelos	127
Idade da razão	131
Novo Centro Velho?	133
Outras dimensões do Centro Velho	139
Primeiros passos	141
Concreto amado	145
A casa de Paulo, a casa de Mário	147
Relação de especialistas.....	149
Cronologia	153
Alguns fatos que marcaram quatro séculos e meio de história de São Paulo e do Centro Velho	155

Créditos das fotografias

Arquivo pessoal de Heródoto Barbeiro: p. 20, 62, 88, 92, 96, 126a, 146, 148.
Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento: p. 34b, 35b.
Agência Estado/Coleção São Paulo de Piratininga: p. 38a, 39a, 42a.
Todas as demais fotografias, incluindo a da capa, são de Ricardo Hara, e foram especialmente feitas para esta edição.

Prefácio

Foi o Mosteiro de São Bento o cenário do primeiro beijo da moça que acabara de sair da catequese. Sentou-se no banco da praça e encontrou os lábios do namorado que a esperavam. Era tanta paixão que não havia espaço para o remorso pelo pecadilho cometido. A outra, de mãos dadas com seu amor, correu ao Theatro Municipal e entrou, sem pagar, com a cumplicidade de um dos porteiros, por uma porta semi-aberta. Escondida e deitada de bruços no piso de madeira, realizou o sonho de assistir ao show de Caetano Veloso. A Praça da República foi o palco do espetáculo de uma paulistana recém-chegada à cidade. Atravessou o espaço público vestindo uma atrevida calça comprida e provocou escândalo nas meninas desacostumadas àquelas vestimentas, nos anos de 1950.

Há quase dois anos levo ao ar, na rádio CBN, um quadro com histórias da nossa cidade contadas por ouvintes, e é no Centro de São Paulo que boa parte delas é protagonizada. Em centenas de textos, os personagens usaram a expressão “ir

à cidade” para identificar suas viagens do bairro para o centro, palavreado que surgiu nos tempos em que a distância a ser percorrida era, aparentemente, grande e lenta. Quando poucos carros circulavam pelas ruas e avenidas – estas, aliás, só foram surgir mesmo no planejamento de Prestes Maia no fim dos anos 1920 e nas obras de Fábio Prado já na década seguinte. Quando os bondes, veículos que transportavam passageiros movidos por energia limpa (termo cunhado destes tempos modernos em que se polui o ar queimando petróleo), andavam sobre trilhos, em velocidade moderada, oferecendo a eles a oportunidade de apreciar a paisagem, e de serem apreciados.

Foi nos bondes, por sinal, que muitos paulistanos vivenciaram suas histórias pelo Centro da capital, como pude notar nos textos enviados ao programa. Uma delas, recebida pelo correio eletrônico e assinada por um misterioso H. B. (assim mesmo, apenas com siglas), além de trazer fato de extrema curiosidade pelo acontecido, fazia comentários em favor do autor do livro que você tem em mãos. Dizia, após elogios de praxe a este que lhe escreve, da indignação que lhe provocava “quando, insidiosamente, e, às vezes, mancomunado com o vovô Juca Kfourì, vocês atacam o jornalista Heródoto Barbeiro”. O texto vinha seguido de um pedido de desculpas pelo fato de a assinatura se resumir às iniciais, e justificava: “não quero entrar em confronto nem com você nem com o vovô Juca Kfourì”. Palavras pouco sinceras pelo menos em relação a mim, pensei, ao constatar que a provocação se estendia à saudação final: “Abraços corinthianos”.

A curiosidade me fez ler o texto que falava de um garoto de seis anos que, ao atravessar a Rua Frederico Alvarenga, ali perto da Rangel Pestana, no Centro da cidade, talvez atento à arquitetura do local, não percebeu que um bonde se aproximava. O pai, que estava ao lado, não teve tempo de impedir o atropelamento do garoto. A aparente tragédia transformou um anônimo cidadão paulistano em herói, identificado apenas por um número, como vocês poderão ler nas próximas páginas.

A qualidade jornalística e a época em que se passou o fato me causaram desconfiança. Conhecia poucas pessoas com aquele talento literário, capaz de viver situação tão chocante quanto antiga e, ainda por cima, assinar com a alcunha H. B.

No dia em que o texto foi reproduzido no programa *CBN São Paulo*, mesmo sob o risco de reforçar a acusação de estar mancomunado com o colega Juca Kfourir, recorri a ele para esclarecer o mistério. Afinal, quem estava escondido por trás daquela sigla? Como o diabo sabe mais por velho do que por diabo, o “Vovô” concluiu que estávamos sendo alvos de uma brincadeira do sempre bem-humorado companheiro de redação, o professor Heródoto Barbeiro. Juca fez apenas uma ressalva: o ano do atropelamento e a idade do atropelado teriam sido modificados propositalmente para nos confundir. Se o fato realmente ocorrera em 1952, a vítima, sendo quem era, não poderia ter apenas seis anos.

Juca acertou mais uma vez, pelo menos em relação ao escrevinhador. E Heródoto não resistiu à pressão, confessou a autoria do texto e nos emocionou ao relatar de viva voz como foi salvo pela agilidade do motorneiro. Ressuscitou nos trilhos do bonde que cruzava o Centro da cidade de São Paulo, território que até hoje se confunde com a casa dele. Região que, assim que os pais lhe soltaram a mão, foi explorada de alto a baixo (e isto não é figura de linguagem), seja nos passeios para andar de escada rolante nas poucas lojas que tinham essa modernidade, comer sorvete com gelatina ou ver os filmes do cinema mudo, seja em pleno exercício da profissão de *office-boy* que lhe obrigava a percorrer escritórios de advocacia, corredores das repartições públicas e os balcões escuros dos cartórios.

Heródoto nasceu na “cidade”, não precisava pegar bonde para chegar até lá. Renasceu na “cidade” ao ser pego pelo bonde. E, a partir do olhar de um nativo, tornou a “cidade” ainda mais interessante nos textos reunidos neste livro.

O Centro deixa de ser apenas o espaço em que se misturam os fatos mundanos, os romances, as intrigas, as crenças e as

fantasias dos paulistanos e demais transeuntes. É o perímetro no qual as pessoas costuram sua vida muitas vezes sem compreender a importância dos prédios, sem perceber que passam ao lado de fragmentos históricos da construção de São Paulo, e, sem tempo, sempre sem tempo, olham para o relógio para conferir a hora sem saber exatamente onde estão. Enquanto a maioria de nós, ao fim do expediente, fugia do Centro como o diabo da cruz, Heródoto, em sua longa vida, voltava caminhando a contemplar o que havia na extensão do pátio de sua casa.

Ao ler *Meu velho Centro* imaginei que Heródoto bem poderia ser o rapaz sentado ao lado da moça que era beijada pela primeira vez diante do Mosteiro, ou o moço que de mãos dadas correu até o Municipal para assistir a Caetano, ou o menino de olhar comprido para as calças da atrevida da República. Afinal neste livro descobre-se que Heródoto não é apenas observador ou escritor, é personagem do Centro da nossa cidade.

Milton Jung

Apresentação

Vivi e vivo no Centro Velho de São Paulo. Frequento a região e não a abandonei quando ela deixou de ser um lugar glamouroso (de homens de paletó e gravata e mulheres de *tailleurs* e chapéu) e se transformou em cenário da decadência urbana. Hoje, trabalho na região de Santa Cecília e apanho o metrô para Sé, Liberdade, São Joaquim e São Bento. Meu filho Guilherme estudou no Colégio de São Bento; minha mulher, Walkiria, acompanha missas e concertos no mosteiro, e meu filho Maurício, imitando o exemplo do pai, trabalhou como borracheiro na Baixada do Glicério.

Nunca consegui me afastar dali. Frequentei os cines Metro, Marrocos, Olido, Ritz e mesmo na época da decadência, nas décadas de 1980 e 1990, ia em busca de melhor som no Marabá e no Cinerama. Sempre gostei de comer uma lasanha no Gato que Ri, uma pizza no Papai, um virado no Um Dois Feijão com Arroz, um bauru no Ponto Chic, um cupim com virado no Farroupilha, esfihas no Almanara, de tomar um chá no Rei do Mate, um chope no Brahma e combinar pastéis e caldo de

cana na Sé, Anhangabaú, João Mendes, Cásper Líbero, Maria Antônia, Praça da República, Largo do Arouche, Duque de Caxias e não sei mais onde.

O escritório de advocacia do meu pai – que ele teve depois de encerrar sua atividade de pequeno comerciante – ficava na Rua Tabatingüera, pertinho da Praça João Mendes. De lá, partíamos para revirar os sebos das ruas Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, comprar livros novos na Livraria do Pensamento ou usados nas pontas de estoque da Avenida São João e da Rua Aurora. Como ninguém era de ferro, sempre se fazia uma escala na Padaria Santa Tereza para tomar uma maravilhosa vitamina e comer um pedaço de pizza.

O mundo transitava pelo Centro Velho. A cidade convergia para lá. Era impossível vir a São Paulo sem passar pelo Viaduto do Chá e pela porta do Theatro Municipal ou da Casa Fretin. Se em algum lugar do Brasil existiu um cadinho étnico, foi no Centro Velho de São Paulo.

Nasci ali, em uma ruazinha que começava na Rua dos Carmelitas, terminava na Rua Frederico Alvarenga e era paralela à Rua Tabatingüera. Meu pai, Augusto, a chamava de Travessa do Hospício, mas minha mãe, Irany, que sempre foi de prendas domésticas, dizia que era Rua Nioac, nome de uma cidade do Centro-Oeste, mais precisamente em Mato Grosso do Sul. Morávamos na metade da rua, no número 59, em uma casinha humilde, com porão e cozinha que ameaçou desabar quando construíram um grande prédio na esquina. Nesse porão, eu e meus irmãos escondíamos os vira-latas que pegávamos na rua, até meus pais os descobrirem e os expulsarem. Só Macaca escapou e viveu conosco muitos anos. A posição da casa era privilegiada para quem queria jogar bola na rua de velhos e gastos paralelepípedos, soltar pipa e, à noite, brincar de roda, de cachuleta ou de mocinho e bandido.

Até eu completar dez anos, vivemos do bar do meu pai, que ficava na esquina da Rua Frederico Alvarenga. Depois, graças à ajuda de um tio, o bar virou uma loja de peças para automóveis

e de pequenos consertos mecânicos e elétricos. Na mesma época, havia também um chalé de jogo do bicho na outra esquina, o chalé do João Marques, que depois virou uma borracharia, onde eu e meus irmãos – Hipócrates, Teofrasto, Aristóteles e Irany – crescemos. A mim, coube, entre outras tarefas, a de *office-boy*, que meu pai sempre chamou de *mensageiro*, e isso permitiu que eu atravessasse o Centro Velho a pé, de um lado para o outro, de lá para cá, de cima para baixo, levando cartas, pacotes, duplicatas, contas, pequenas entregas dos comerciantes da Baixada. As caminhadas eram inebriantes, gostosas, ainda que cansativas e, às vezes, os sapatos de capotão criassem bolhas nos pés. Mas era tudo maravilhoso, as pessoas eram diferentes, os prédios, as fachadas, as igrejas, a catedral, os viadutos, as escadarias – tudo. Uma parcela da história – e das estórias – desse lugar encantado e encantador é contada nas próximas páginas. Alguns dos textos foram ampliados e reescritos a partir de crônicas publicadas nos jornais *Diário Popular* e *Diário de São Paulo*. Outros foram escritos especialmente para este livro. Em todos, igualmente, há muito das ruas e da gente que vive num dos cantos mais especiais do mundo, um lugar que não morre nem nunca envelhece: o Centro Velho paulistano.



12

BRESEER VIA PIRATININGA

38